



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

O primeiro beijo

Com a internet, as informações viajam com uma velocidade vertiginosa e nos deixam atônitos. Confesso que não consigo acompanhar tudo que me mandam. No ano passado, ocorreu um apagão nas redes sociais e uma representante da vanguarda do atraso fez uma ameaça apocalíptica para defender o voto impresso: “Já pensou se isso ocorre durante a eleição com urnas eletrônicas?”.

Se fosse verdadeira a lógica da moça, teríamos de renunciar aos aviões a jato e nos movermos de carroça, pois sempre haveria o risco de uma pane. Eu estava devaneando, erráticamente, sobre essas questões quando recebi um vídeo produzido pelo Instituto Moreira Salles sobre o marceneiro Jaime Vilaseca.

Ele se envolveu e se viu envolvido em um lance de acaso e mistério. Foi chamado para construir uma estante de livros para Clarice Lispector. Ela ficava calada quase o todo tempo, sempre observando o movimento.

No entanto, em um átimo, disse para o marceneiro que ele estava fadado a fazer molduras de quadros. Jaime ficou assustado, achou engraçado e reagiu com descrença. Considerou

o vaticínio completamente absurdo, destituído de qualquer fundamento. Todavia, Clarice fez umas encomendas e, logo em seguida, o levou a um encontro com vários artistas plásticos.

Jaime iniciou um convívio com artistas, se tornou um aprendiz e depois um mestre das molduras muito requisitado. A profecia de Clarice, uma mulher de radeiros de sensibilidade poderosos, se cumpriu fielmente. Além disso, me chamou a atenção uma história contada por Jaime, que se transformou no bellissimo conto *O primeiro beijo*, narrativa ficcional no limiar da poesia.

Tenho muita curiosidade sobre a gênese das canções, dos poemas, dos romances, dos filmes e dos contos. Vamos à história. Jaime viajava com o pai numa subida de serra para Niterói quando o

carro aqueceu muito e tiveram de parar em um acostamento. Hoje, é mais raro um carro, razoavelmente novo, apresentar problema mecânico, mas, naquela época, era muito comum.

O então adolescente sentiu uma sede terrível e buscou, desesperadamente, água para se saciar. Jaime contou a história para Clarice e ela recriou tudo no conto. Acompanhemos a narrativa sob o olhar de Clarice: “O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada. O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.”

E continua: “De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os

ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharco todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos. Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gelido, mais frio do que a água.”

Olhou para a estátua nua. Ele a havia beijado: “Até que, vinda da profundidade do seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele... Ele se tornara homem.”



Novo secretário de Segurança do DF deve ser anunciado nesta semana. Encontro entre parlamentares da Câmara Legislativa e Ricardo Cappelli serviu para sanar dúvidas sobre a atuação do governo federal na capital do país

Intervenção não será prorrogada

» ARTHUR DE SOUZA

Em uma reunião entre deputados distritais da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) e o interventor federal na segurança pública da capital do país, Ricardo Cappelli, houve uma discussão sobre o futuro da cidade. Um dos presentes no encontro, Gabriel Magno (PT) disse que o setor volta para o controle do governo do DF em 31 de janeiro. “Ele (Cappelli) foi claro ao dizer que a intervenção não será prorrogada e a governadora vai indicar o nome que deve assumir a Secretaria de Segurança Pública ainda nesta semana”, ressaltou. O distrital afirmou que a única ponderação feita por parte do governo federal é de que o indicado seja alguém que possa trabalhar em conjunto com o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Gabriel Magno disse que o governo federal está discutindo, mas que não há nada concreto, sobre a criação de uma guarda nacional, que teria uma atuação restrita. Ao **Correio**, o deputado Hermeto (MDB) ressaltou que é contra essa possibilidade. “Nos 30 anos em que estive dentro da polícia, sempre demos conta de tudo. Passamos por dois impeachments, inclusive”, lembrou. “A Polícia Militar é de Estado, podemos até ter as nossas preferências políticas, mas no momento que vestimos a farda, passamos a trabalhar imparcialmente”, acrescentou Hermeto.

Tiago Oliveira



Durante a reunião, Ricardo Cappelli afirmou aos distritais que a intervenção deve acabar no fim do mês, como previsto

Sem federalização

A reunião foi convocada pela deputada Doutora Jane (Agir), que comanda a Comissão de Segurança da Casa. Após o encontro, ela falou com a imprensa e destacou que Cappelli teve uma fala muito forte, ao afirmar que, em 8 de janeiro, os policiais foram encaminhados para uma emboscada. “Eles não estavam devidamente orientados e acabaram sendo vítimas”, comentou. “Foram 44 policiais militares lesionados naquele evento,

então, poderia ter sido pior do que o que foi, em termos de preservação da vida humana”, disse a delegada.

Em relação ao fim da intervenção, Doutora Jane que isso mostra que as “coisas foram pacificadas” no DF. “A partir daí, teremos a retomada (da segurança pública), esperando tranquilidade e que a confiança da população, em relação às polícias não se abale”, destacou. Ela também disse que, durante o encontro, foi discutida a possibilidade da federalização do setor e da retirada

do Fundo Constitucional. “Ele (Cappelli) deixou bem claro que nada disso está em debate, o que nos dá muita tranquilidade. O fundo é muito importante para as polícias e para o DF”, apontou. “Se outras medidas forem adotadas, para que o problema não volte a acontecer, será importante, mas que isso não fira o Fundo Constitucional e não macule a autonomia em relação às polícias”, observou a distrital.

Participaram da reunião com a CLDF, além da Doutora Jane, Gabriel Magno e Hermeto, os

deputados Dayse Amarílio (PSB), Eduardo Pedrosa (União Brasil), Paula Belmonte (Cidadania), Ricardo Vale (PT) e Roosevelt Vilela (PL) — por meio de um assessor.

CPI

Os distritais também comentaram sobre a comissão parlamentar de inquérito (CPI) da CLDF, que vai investigar os atos terroristas ocorridos no DF. Segundo Doutora Jane, as apurações vão indicar quem são os culpados. “É muito importante



“Foram 44 policiais militares lesionados naquele evento, então, poderia ter sido pior do que o que foi, em termos de preservação da vida humana”

Doutora Jane, deputada distrital (Agir)

individualizar as condutas das pessoas e responsabilizar quem, efetivamente, teve alguma responsabilidade, agiu de má fé ou provocou, pelo menos por omissão, aqueles fatos”, afirmou.

Enquanto isso, Gabriel Magno destacou que as informações colhidas durante a reunião vão ajudar a CPI que está prestes a ser instaurada na Câmara. “Temos que identificar os responsáveis. Não só os que estiveram presentes naqueles dias, mas quem financiou, deu ordem ou quem, porventura, foi responsável por uma omissão ou conivência”, lembrou o petista. Já Hermeto, disse que os distritais precisam ser o mais imparciais possível, para chegar aos verdadeiros culpados pelo vandalismo.

Reprodução/Twitter



O eletricista Alan Diego foi transferido para a Papuda

Terrorista queria explodir embarque do JK

» PABLO GIOVANNI*

O extremista Alan Diego dos Santos Rodrigues, 32, preso no último dia 17, após se entregar à polícia do Mato Grosso, afirmou em depoimento à Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) que o plano do atentado no Aeroporto de Brasília, na véspera do Natal, era deixar a bomba dentro da área de embarque. Ele e George Washington de Oliveira Sousa, 54, estão presos. O outro integrante da ação terroristas, o jornalista Wellington Macedo de Souza, 47, segue foragido, depois de romper tornozeleira eletrônica que usava.

O plano criminoso, orquestrado pelo trio, poderia causar um dos maiores atentados terroristas do Brasil. Aos agentes, Alan — que é eletricista — disse que o empresário George Washington ordenou que o artefato explosivo fosse deixado na área de embarque do JK, mas que não concordou, principalmente por

considerar o local bastante movimentado por viajantes e, por causa disso, não cumpriu com a determinação do comparsa. Com Wellington, ele mudou o plano original e decidiu colocar a bomba em um caminhão-tanque carregado de combustível de aviação, próximo ao aeroporto.

Conforme a investigação do Departamento de Combate à Corrupção e ao Crime Organizado (Decor) havia apurado, Alan foi ao local com Wellington, que dirigia o próprio veículo. O eletricista recebeu o artefato horas antes, no QG do Exército, no Setor Militar Urbano (SMU). Ele contou aos agentes que, após ter deixado a bomba no caminhão-tanque, se arrependeu. Disse ainda que telefonou para a Polícia Militar (PMDF), em um dos orelhões da Rodoviária do Plano Piloto, para informar sobre uma bomba, mas que o atendente achou que se tratava de um trote.

Apesar de um dos três acusados estar foragido, as

investigações foram concluídas. O **Correio** apurou que o interrogatório de Alan foi considerado “bastante satisfatório”, por confirmar o que havia sido apresentado à Justiça.

Presos

Enquanto George Washington foi preso em flagrante, horas depois de participar da tentativa de explodir um caminhão-bomba, Alan foi convencido por familiares a se entregar à polícia, em sua cidade natal, Comodoro, no Mato Grosso. Após um delegado daquele estado entrar na negociação, pedindo para que pessoas próximas ao eletricista convencessem ele a se entregar, o extremista bolsonarista decidiu se apresentar na delegacia.

George contou, no seu depoimento à polícia, que quem levava o artefato ao aeroporto era uma mulher, ainda não identificada. No entanto, segundo George, “ela deu para trás”. Foi quando surgiu Alan,

que se mostrou bastante disposto e animado com a ideia. “Em posse dos dispositivos, eu fabriquei a bomba colocando uma banana de dinamite conectada a um acionador dentro de uma caixa de papelão, que poderia ser disparada pelo controle remoto a 50 a 60 metros de distância. Eu entreguei o artefato ao Alan e insisti que ele instalasse em um poste de energia para interromper o fornecimento de eletricidade, porque eu não concordei com a ideia de explodi-la no estacionamento do aeroporto” disse George, durante o depoimento.

O trio é réu no Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDFT), e as diligências para prender o último acusado seguem acontecendo, com a colaboração de todas as forças de segurança do país. As chances de Wellington estar no DF são remotas, segundo apurou a reportagem. George e Alan estão presos na Papuda.

*Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira